

Leslie Allen, Ezequiel, Palestra 22, Visão do Retorno da Glória de Deus

, O Novo Templo em Ação, Ezequiel 43:1-46:24

© 2024 Leslie Allen e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Ezequiel. Esta é a sessão 22, Visão do Retorno da Glória de Deus, o Novo Templo em Ação. Ezequiel 43:1-46:24.

Passamos agora para os capítulos 43 a 46, onde temos uma grande visão da glória de Deus retornando ao Novo Templo.

E para que o Novo Templo possa entrar em operação depois que Deus voltar a ele. Esta é uma nova visão que marca uma nova etapa na narrativa, e essa narrativa é uma estrutura de 40 a 48, e estamos caminhando através dela para esta nova etapa. O guia angélico ainda está conduzindo Ezequiel, e mencionamos dele em 43:1, ele me levou até o portão, o portão voltado para o leste, e então ele aparecerá novamente em 44:1, ele me trouxe de volta, e então em versículo 4, ele me levou pelo portão norte, e então 46.19, ele vai figurar novamente, então ele me levou pela entrada, e por último no versículo 21 de 46, então ele me levou para o átrio externo.

E assim, o guia angélico ainda está fazendo seu bom trabalho. Mas agora há um novo foco na voz de Deus falando com Ezequiel. Isso pode acontecer depois que Deus retornar ao Templo.

E então aqui está esta nova pessoa por meio da qual, em vez do anjo falar, Deus pode assumir o controle depois que ele se revelou, fixando residência no Templo. E assim, encontramos em 43.6, ouvi alguém falando comigo do Templo. E isso é obviamente Deus, e é isso que a voz fala no final do versículo 17.

E então novamente no versículo 18, ele me disse: assim diz o Senhor Deus. Então, definitivamente é Deus falando aqui. E então em 44:2, e 5, e 9, e 31, e depois em 45:1 e 46:1, Deus continua falando.

E assim, há esta nova ênfase na participação de Deus e na instrução do próprio Ezequiel. 41:3 até 44:5 são a longa introdução a este estágio da visão. Como disse, reflete uma nova etapa, o retorno da glória de Deus, que, na verdade, é a reversão do afastamento do antigo Templo nos capítulos 10 a 11.

Na primeira edição do livro, você obtém essa polarização dessas mensagens de julgamento, e depois mensagens de salvação, e junto com essas visões negativas e

agora visões positivas. E então, há esse contraste aqui com os capítulos 10 a 11, quando Deus deixou o antigo Templo. Até agora, como disse antes, o Templo dos capítulos 40 a 42 estava vazio.

Era uma concha vazia. Não foi utilizado. Ainda precisava ser energizado pela presença de Deus.

Então, a adoração pode ser restaurada em resposta à nova presença. Mas Deus tinha que chegar lá primeiro. Em 10.19, a glória de Deus é deixada no portão externo leste do antigo Templo.

Curiosamente, a glória de Deus retorna da mesma forma nos versículos 1 e 2a. Então, somos lembrados daquelas visões anteriores, mas é claro que foram visões negativas – teofanias de julgamento.

No capítulo 1, para prefaciar, a mensagem de julgamento que Ezequiel deveria pregar na primeira metade de seu ministério. E mais tarde, a visão do julgamento que selou a mensagem de julgamento contra o Templo como contaminado e agora impróprio para a presença de Deus. Mas agora chegamos a uma teofania da salvação.

Não é mencionado, mas todo o contexto clama para ser entendido nesse sentido. Glória é usada aqui da mesma forma que foi anteriormente no livro. É a presença pessoal de Deus, mas a sua manifestação é na forma do trono móvel carregado pelas criaturas vivas.

E podemos dizer que por causa desse barulho no início do livro, esse som de águas poderosas, esse barulho tinha sido o bater das asas dos anjos enquanto eles carregavam aquele trono móvel. E é o mesmo som que ele ouve novamente – e então outra revelação.

É a mesma coisa, como ele diz, é isso que ele quer dizer, aquela grande imagem de Deus vindo do céu naquele trono da carruagem. E então tivemos aquele barulho de asas batendo em 124 que foi comparado desta forma, como o som de águas poderosas. E então a terra brilhou com a sua glória.

Isto corresponde ao brilho da glória de Deus que ele viu em 1040 – algo muito brilhante e resplandecente. E assim, trazemos esses paralelos para mostrar que é o mesmo novamente e ainda assim tão diferente, tão diferente neste novo contexto porque está voltando e não irá mais desaparecer.

No geral, neste ponto, devemos ver um eco de 1 Reis 8 e versículo 11. Recebemos esses versículos no final da construção e dedicação do templo por Salomão. O que vemos ali é que nesta dedicação, quando o sacerdote saía do lugar santo, uma nuvem

encheu a casa do Senhor, de modo que o sacerdote não pôde ministrar por causa da nuvem, pois a glória do Senhor encheu a casa do Senhor.

E há esta teofania inicial para indicar de forma muito visível a presença de Deus entrando em seu templo. Será substituído por uma presença mais silenciosa na escuridão do Santo dos Santos. Mas agora está aí para todos verem, um sinal de que Deus existia em toda a sua glória.

Assim, obtemos esta forma extrema da presença de Deus antes de ser substituída pela forma mais regular da presença de Deus habitando o templo. Mas aqui está ela novamente, esta marca especial temporária da presença de Deus que deveria se transformar em um tipo de presença contínua e diferente a partir de agora. Mas há aqui o tipo de inauguração que houve com o primeiro templo.

E então, no final do versículo 3, caí de cara no chão, e temos a compreensível rejeição do choque por parte de Ezequiel, como tivemos no capítulo 1 e versículo 28. E então Deus fala, mas antes disso, no versículo 5, como o a glória do Senhor entrou no templo pela porta voltada para o leste, o espírito me elevou e me levou para o átrio interno, e a glória do Senhor encheu o templo. Bem, essa é a mesma frase que tínhamos em 1 Reis: a glória do Senhor encheu o templo.

E então a voz, alguém falando do templo, dirigindo-se a ele como mortal e obviamente falando com um olhar divino pelo que está sendo dito aqui. E o anjo não fala mais como fazia em 40 a 22, exceto aparentemente uma vez no final de 46, 24. Parece que temos o anjo falando ali, mas fora isso é a voz de Deus dando uma explicação e Deus assume o comando. explicando, o Deus que agora retornou.

Ele dá duas mensagens a Ezequiel: uma nos versículos 7 a 9 e outra nos versículos 10 a 27. Primeiro, nos versículos 7 a 9, Deus fixou residência real no templo. Mencionamos significativamente a palavra trono.

Mortal, este é o lugar do meu trono e o lugar das solas dos meus pés. E esse trono provavelmente deveria estar no Santo dos Santos, marcando aquela presença especial de Deus de agora em diante no templo como antes. Naquela época, o lugar das solas dos meus pés era a Arca, onde se tratava do primeiro templo, mas agora parece ser o próprio templo, a própria construção do templo.

Nunca há menção à Arca, nunca há menção à Arca nestes relatos visionários do novo templo. E a Arca parece ter sido substituída por uma presença maior do próprio Deus e o símbolo não é necessário agora, mas em vez disso o próprio Deus está lá. Como eu disse, esta é uma presença real, o trono de Deus está ali.

E lembramos do capítulo 20 e versículo 33, onde Deus disse: Eu serei rei sobre vocês. E aqui estava uma manifestação dessa realeza, que agora se cumpre no uso deste

termo real. Como eu disse, a construção do templo é evidentemente considerada o escabelo de Deus, o que, no templo de Salomão, era o papel da Arca.

Mas há duas mudanças que diferenciam este novo templo do antigo templo pré-exílico. E não é a mesma coisa nas duas maneiras a seguir. Primeiro de tudo, na segunda metade do versículo 7, algo que estava presente no antigo templo não estará mais presente no novo.

Acho que a Bíblia inglesa revisada está certa ao traduzir monumentos erguidos aos reis mortos. Aparentemente, eles foram colocados nos pátios do templo e eram monumentos funerários em homenagem aos reis mortos. E, claro, estes seriam objetos que violariam a santidade de Deus e, portanto, não estariam mais lá.

Depois, a segunda mudança, no que diz respeito ao antigo templo, passou a fazer parte de um complexo palaciano maior. Ficava no lado norte do complexo do palácio. E como diz o versículo 8, há apenas um muro entre eles, apenas um muro entre a área do templo e os edifícios do palácio.

E aqui, novamente, isso é proibido. E o novo templo deverá ficar num local separado para salvaguardar a santidade de Deus. E não mais, é para evitar que o novo templo seja novamente contaminado pela presença desses reis que eram comuns e terrenos e poderiam muito bem ser tentados a práticas pagãs.

Portanto, pelo seguro, o templo está completamente separado da área do palácio. leremos mais tarde que o templo nem sequer está na cidade de Jerusalém. Está em um lugar especial por si só.

Assim, mesmo a cidade não é considerada digna de ter o templo nela. Mas seremos avisados sobre isso no final do livro. Depois, há uma segunda mensagem para Ezequiel, e esta está nos versículos 10 a 27.

A primeira mensagem é das 10 às 12. Ezequiel é instruído a contar aos exilados sobre o layout do novo templo e a ênfase na santidade de Deus. Isso lhes mostrará até que ponto, e irá lembrá-los do quanto eles falharam em sua adoração no antigo templo ao incorporarem práticas pagãs dentro da área do templo, como ilustram os capítulos 8 e 9.

E podemos pensar, por exemplo, naquelas enormes portarias que teriam sido usadas com o propósito de triagem de peregrinos para que não houvesse vida errada sendo trazida, representada na entrada no templo. Evidentemente, isso nunca foi feito nos capítulos 8 e seguintes. Mas agora haverá um controle mais eficaz de acesso ao templo.

Ezequiel também deverá transmitir os procedimentos a serem seguidos no funcionamento do templo, que serão apresentados no restante dos capítulos 43 e 44 até 36. E no versículo 12, somos informados de que esta é a lei do templo. É uma referência aos procedimentos que se seguirão.

O versículo 12 é uma espécie de manchete para o resto da visão de 43, 13 a 46. E então, de 13 a 17, prepare-se para a consagração do altar. Agora, o templo pode funcionar.

Mas o aspecto mais importante foi o altar sacrificial. E leremos sobre sua consagração nos capítulos 18 a 27. Mas há alguns termos técnicos usados nesse relato.

E assim, de 13 a 17, recebemos informações que incluem os termos técnicos que serão reutilizados de 18 a 27. E aqui de 13 a 17, o altar é descrito em detalhes. Num capítulo anterior, houve apenas uma breve menção daquele altar no pátio interno, aquele lugar de sacrifício.

Mas era uma característica muito importante do templo. Envolve o sacrifício de sacrifícios negativos, poderíamos dizer, que expiavam o pecado e o sacrifício de sacrifícios positivos que representavam a adoração. E este altar era uma estrutura muito grande.

Era composto por três peças. Tinha um bloco de base, que era então encimado por outro bloco menor. No topo disso havia uma estrutura alta de lareira para o fogo sacrificial.

E havia provisão para drenagem. Havia uma calha ao redor do bloco de base para que o sangue dos sacrifícios fosse drenado e para manter o pátio interno limpo e seco desse sangue. E nos disseram que o bloco mais baixo tinha cerca de 28 pés quadrados.

E a estrutura do altar elevava-se acima do pátio interno cerca de 4,5 metros. E assim havia degraus até a lareira no lado leste do altar. E isso significava que quando o sacerdote sacrificasse, ele ficaria de frente para o edifício do templo.

E se tivesse sido colocado do outro lado, ele estaria de costas para o templo, uma grande proibição, o que, na verdade, era uma característica de parte daquela adoração pagã do deus sol num capítulo anterior. E agora chegamos à terceira parte da segunda mensagem de Deus, 18 a 27. Esta trata da consagração do altar.

Materiais comuns foram trazidos e usados para construir o altar e precisavam ser consagrados. Os materiais profanos tinham que ser santificados, por isso houve uma cerimônia especial.

Antes da cerimônia, somos informados de que o altar tinha duas finalidades. Primeiro, os sacrifícios reais eram queimados em cima da lareira. Mas também havia outro propósito: parte do sangue drenado das vítimas do sacrifício era espalhado na lateral do altar para fazer expiação.

O sangue desempenhou um papel muito importante na expiação no pensamento religioso do Antigo Testamento. Foi por isso que você precisou daquela calha ao redor da base mais baixa para drenar o sangue espirrado na parte superior do altar. E agora vem a cerimônia de consagração.

No primeiro dia, os sacerdotes devem fazer duas coisas: espalhar sangue em partes do altar e depois sacrificar um novilho como oferta pelo pecado para descontaminar dos efeitos do pecado, esses materiais comuns que haviam sido usados. E no segundo dia, o sacrifício de um bode e de outro touro. E então por mais seis dias, diz o versículo 26, os procedimentos do segundo dia devem ser repetidos por mais seis dias.

E então, versículo 27, quando estes dias acabarem, então a partir do oitavo dia, estiver consagrado, o sacerdote oferecerá sobre o altar os vossos holocaustos e as vossas ofertas de bênçãos e vos aceitará, diz o Senhor Deus. Agora, seu, no versículo 27, na verdade está no plural, refere-se ao povo. Aqui está a oportunidade para as pessoas trazerem seus sacrifícios.

Havia dois tipos de sacrifício. Havia o holocausto, que era sagrado. O animal inteiro foi sacrificado. Tudo virou fumaça, poderíamos dizer, esses holocaustos.

E isso foi tanto para expiação quanto para adoração. Você poderia trazer um holocausto para expiação de seus pecados e também para adoração pura a Deus. Portanto, o holocausto em si poderia ter um de dois propósitos.

Mas, fora isso, havia o que aqui se chama de ofertas de bem-estar. Ou a NVI tem ofertas de comunhão. E nunca temos certeza de qual a melhor forma de traduzir essa palavra.

Mas a essência era que eram ofertas parciais. Apenas parte do animal sacrificial era queimada no altar, e o restante em adoração a Deus. O restante foi devolvido aos adoradores para comerem como refeição sacrificial com suas famílias.

E assim, o uso do altar abre caminho para Deus aceitar os adoradores. E eu vou aceitar você. Aceitarei suas ofertas pelo pecado e aceitarei suas ofertas para adoração.

Dirigido, como eu disse, às pessoas daqui. Passamos para o capítulo 44 e versículos 1 a 5. Em 4:5, não lemos em voz alta, mas o espírito levou Ezequiel através do ar para o pátio interno, e houve realmente essa levitação neste transe que nós tinha lido sobre antes. Mas agora, evidentemente, Ezequiel é segurado pelos dois pés.

Ele tem que andar em vez de ser carregado. Ele é levado pelo anjo ao átrio exterior, ao lado oeste da portaria leste, onde a presente visão, de fato, começou em 43:1. Ele foi levado de volta para lá. E enquanto ele está lá, no lado interno daquela portaria leste, ele pode ver, ele pode olhar através do corredor da portaria, e pode ver que o portão na extremidade oposta está fechado.

E este é obviamente um ponto significativo. Agora, por que o portão da portaria está fechado no que diz respeito a esta portaria exterior leste? Recebemos duas razões. E uma razão é... Temos duas razões nos versículos 2 a 4. A primeira comemora o ponto de entrada divino no templo.

Deus entrou no átrio exterior pelo portão leste. E assim, para sempre, as pessoas comuns não foram autorizadas a passar por isso. Quando chegaram ao pátio externo, tiveram que usar os outros dois portões nos lados norte e sul.

E eles nunca poderiam usar aquele portão leste. O portão foi mantido fechado como um lembrete. Foi assim que Deus veio.

E assim, há uma santidade especial ligada a esta portaria em particular, e nunca nos lembraremos disso. Mas, na verdade, o rei poderia usá-lo. O rei não era sacerdote, mas tinha uma espécie de santidade.

Ele era especial, próximo de Deus. E assim, o rei pode usá-lo. E aqui ele é chamado de príncipe.

E de agora em diante, o rei será chamado de príncipe. E às vezes tínhamos esse rótulo, antes, junto com King. Mas é sempre príncipe de agora em diante.

E em algum momento teremos que explicar esse termo. Na verdade é um termo muito importante, esse termo príncipe. Mas torna-se um lugar privado.

A outra utilidade desta portaria oriental é que as pessoas não podem atravessá-la, mas o rei tem um privilégio. Ele pode comer sua refeição religiosa com os sacrifícios parciais ali. As pessoas faziam suas refeições nessas salas.

Ao lado daquela parede perimetral interna, haveria aquelas salas em toda a volta, 30 salas. E esses poderiam ser reservados. Você veria o padre recepcionista, por assim dizer, e poderia reservar aquele quarto e dizer: posso ficar com minha família a partir das 11 horas, por favor? Sim, você certamente pode.

E então era ali que as pessoas faziam suas refeições sacrificiais. Mas o rei tinha um lugar especial. Ele poderia usar a portaria leste, por mais sagrada que fosse, para esse propósito específico, para aquelas refeições.

E por causa de sua posição elevada, e por causa de sua proximidade especial com Deus, como algo relacionado a essa posição elevada. E então, 4-9 conclui a introdução. Ezequiel é levado de volta, no versículo 4, ao pátio interno, através do portão norte interno.

E ele vê novamente que a glória de Deus ainda enche o edifício do templo com seu brilho. E acho que estamos sendo lembrados de que o templo só poderia funcionar, o templo só poderia funcionar, porque Deus está lá, porque sua presença viva está lá. Esse é o gatilho secreto que permite ao templo funcionar.

E agora está simbolizado nesta teofania. Sua presença ainda estava lá. É claro que estaria lá, em uma forma menor, mas real, depois da teofania, quando aquela glória, entre aspas, tivesse desaparecido.

Mas como a área do templo deveria ser usada? Isso nos é dito no versículo 5. E esta é uma espécie de manchete para o resto de 44 a 46. O Senhor me disse: Mortal, marque bem, olhe bem, ouça com atenção, ele poderia ter deixado mais claro: preste atenção a tudo o que vos direi a respeito de todas as ordenanças do templo e todas as suas leis, todos os procedimentos pelos quais o templo deveria funcionar. E marque bem aqueles que podem ser admitidos no templo e todos aqueles que serão excluídos do santuário.

E aí estamos. Temos esse esboço do que será abordado no material um pouco mais adiante. E há um foco no acesso.

Acesso. Acesso onde as pessoas estão envolvidas quando elas entram pelos portões externos. E seremos informados de que eles só podem estar no pátio externo.

Eles não podem entrar no pátio interno. Isso está reservado aos sacerdotes. Então, o acesso das pessoas e elas entrarão pelos portões externos para adoração no átrio externo.

Os sacerdotes, na verdade, devem usar o pátio interno. Será explicado e eles deverão utilizar a nave do edifício do templo e seus edifícios adjacentes. Mas essas áreas, as áreas especiais, devem ser mantidas totalmente reservadas apenas para acesso sacerdotal.

Bem, tudo isso é uma longa introdução ao que esta seção tem a dizer. Mas então chegamos à primeira seção principal em 44, 6 a 31. A primeira das três seções principais.

Trata-se do pessoal da área do templo, que é obviamente importante. Em primeiro lugar, de 6 a 16, estamos falando agora sobre o pessoal do templo.

E isso está em dois níveis. Haverá levitas e sacerdotes. Mas antes de tudo algo precisa ser dito.

É algo sério porque aqui está outra mudança no antigo procedimento do templo. Isso aparece nos versículos 6 a 9. No antigo templo, que eu disse que ficava no extremo norte do complexo do palácio, por conveniência, os guardas reais guarneciam as portarias do templo. E lemos sobre isso em 1 Reis e no capítulo 11 lemos sobre isso em dois lugares que esses guardas, eles eram chamados de Carités .

Não, está em 2 Reis, capítulo 11. Não está relacionado com a inauguração do templo de Salomão. Mas no relato de um rei posterior, eles são mencionados.

2 Reis capítulo 11, versículo 4 e depois no versículo 19. Joiada convocou os capitães dos caritas e dos guardas e fez com que fossem ter com ele na casa do Senhor. E estes Carites são mencionados novamente no versículo 19.

Levou os capitães, os caritas , os guardas e todo o povo da terra. Quem são os Carités ? Bem, eles vieram de Caria, um reino no sudoeste da Ásia Menor. E eles eram tropas mercenárias.

Durante séculos, evidentemente, eles parecem ter sido tropas mercenárias a serviço real. E um pouco como os guardas suíços no Vaticano. Mas a questão era que os mercenários estrangeiros eram considerados mais leais ao rei do que os soldados nacionais, do que os nacionais.

E os nacionais eram evidentemente considerados menos confiáveis. E assim, proteger o rei era uma coisa especial reservada para esses missionários estrangeiros e mercenários estrangeiros. Mas não, isso é proibido.

Porque, na verdade, estes mercenários estrangeiros, como guardas reais, também foram cooptados para guardar a área do templo no lado norte do complexo do palácio. E o não-não é que eles são gentios. Eles não pertencem ao povo de Deus.

Não podemos mais ter isso. Precisamos de pessoal sacerdotal adequado que seja guarda. E assim, em 10-14, há essa mudança.

Na verdade, os levitas substituiriam esses mercenários estrangeiros como guardas na área do templo. E também têm a função de abater animais. Mas, na verdade, os levitas não deveriam ter um papel sacerdotal pleno de poder sacrificar animais.

Eles têm um papel menor, menos deveres no templo. E em 10-14 há referência a algo que não está explicado. Tem havido algum desvio religioso não especificado deste grupo que é chamado de levitas.

E provavelmente lendo nas entrelinhas, estava relacionado com a operação daqueles altos locais com sua influência religiosa pagã. E então, em vez disso, eles terão deveres mais gerais. Sejam guardas do templo, sim.

Guardas das portarias, sim. E deveres gerais do templo. Eles deveriam interagir com o povo e representar os seus interesses, enquanto os sacerdotes interagem com Deus e representavam os interesses de Deus.

E assim, um sistema de dois níveis de pessoal do templo. E então, em 15-16, os sacerdotes, mas uma linhagem especial de sacerdotes, a linhagem zadoquita de sacerdotes, teriam os privilégios de serviço no altar, sacrificando os animais e acesso ao pátio interno e à nave do templo. E assim, somos informados aqui sobre o pessoal do templo, especialmente para as portarias, a interação com o público no pátio externo e depois a interação com Deus no pátio interno.

Depois, dos 17 aos 31, temos regulamentos para os sacerdotes. Nossa, eles tiveram um papel especial. Eles estavam tão próximos de Deus em seu trabalho.

E santo e santidade são palavras-chave que ocorrem quatro vezes nos versículos 17-31. E assim é explicado como a santidade deve se refletir no estilo de vida sacerdotal. E em 17-19, eles usarão roupas especiais enquanto estiverem de serviço na quadra interna.

E o material de que serão feitas suas roupas será o linho. E não deve haver lã. A razão é dada para evitar a transpiração, que aqui é considerada impura.

Qualquer fluido que saísse do corpo era considerado impuro, inclusive a transpiração. Então, nada de lã, apenas linho. E então o cabelo deles.

Eles tinham que ter cuidado com o penteado. Era para estar arrumado. Não era para ser raspado nem muito longo.

E também, versículo 21, eles não deveriam beber vinho enquanto estivessem de serviço. Em 22, houve decisões de casamento que afetaram os padres. Em 23, eles deveriam ter um papel público como professores religiosos, instruindo as pessoas sobre o que era sagrado e o que era limpo na sua vida diária.

E então, em 24, eles teriam outro papel público como juízes em questões religiosas. E eles deveriam officiar em um tribunal religioso. E curiosamente, em 23 e 24, eles teriam contato com o povo.

Anteriormente, foi enfatizado que eles não deveriam ter contato com as pessoas, mas duas de suas funções os colocaram em contato com pessoas comuns. Aí 25 lá também, 25 a 27, eram para evitar contato com cadáveres porque eram impuros. Mas há uma isenção compassiva no que diz respeito aos cadáveres de familiares.

Mas então, é claro, o sacerdote exigiria purificação posteriormente. E assim, toda uma série de decisões pelas quais a vida sacerdotal foi separada da maneira como as pessoas comuns viviam. Depois, dos capítulos 28 a 30, estes versículos dizem que o povo deve fornecer apoio material aos sacerdotes.

Os dízimos do povo a Deus e algumas de suas ofertas parciais foram repassados aos sacerdotes. Esta seção é dirigida a Israel como uma obrigação que Deus esperava para eles. Para que o templo funcionasse, eles tinham que viver o dia a dia.

Era responsabilidade das pessoas garantir que fossem alimentadas adequadamente. Em 31, há restrição alimentar para os padres. E então, de todas estas maneiras, os sacerdotes devem espelhar a santidade de Deus na forma como vivem.

45, 1 a 17, nos leva à segunda seção principal desta passagem geral. E há mais, realmente, sobre a manutenção dos sacerdotes e levitas, o fornecimento de alimentos para o pessoal do templo. Isso é desenvolvido posteriormente.

Existem três subseções. Primeiro de tudo, 45, de 1 a 8. Agora, tenho que dizer algo sobre 45, de 1 a 8, porque se já tivéssemos lido até o final do livro, veríamos que ele vem novamente. 45, 1 a 8a, de qualquer forma, não 8b, mas 45, 1 a 8a, é um resumo do que leremos mais tarde em 48:8 a 22.

E está falando de uma seção especial da terra que será uma reserva e será separada. Uma área separada na terra de Israel, separada dos territórios tribais. Tinha várias seções, incluindo esta reserva.

Tinha um distrito sagrado, que era uma área quadrada de cerca de 13 quilômetros por 10,5 quilômetros, quase 53 quilômetros quadrados deste distrito sagrado. E, não, essa não era toda a área. Mas esses 53 quilômetros quadrados faziam parte dessa área.

E isso foi reservado para os sacerdotes. E então, foram cerca de 17 acres alocados para a área do templo. E assim a área de ocupação dos sacerdotes ficava ao lado da área do templo.

E então, além disso, havia outros 53 milhas reservadas para os levitas. E nos disseram que naquela área haveria um conglomerado de cidades. Cidades onde os levitas viveriam.

E isso é interessante porque em Números 35, os levitas tinham cidades por todo o país. Cada área tribal tinha cidades onde os levitas viviam antes de se apresentarem em rodízio para seus deveres religiosos. Cidades foram reservadas para eles em todo o país.

Mas aqui, é claro, eles fazem parte do pessoal do templo. Eles são consagrados, então são colocados em uma área. Então, todas aquelas cidades antigas estão agora reunidas em um grupo no que diz respeito aos levitas.

E então falamos sobre aquela terra sacerdotal. Duas áreas de terras sacerdotais ao redor da área do templo. E isso serviria de pasto para gado e rebanhos.

E assim, para ajudar no sustento de suas famílias. Mas havia duas outras áreas a leste e a oeste desta reserva. E essas áreas eram propriedade da coroa.

Foram terras ocupadas pelo rei e seus servos e sua família. Mas antes de fazermos isso, na verdade, na ordem, chegamos à cidade. Porque a cidade de Jerusalém foi incluída na reserva.

Estava separado da área do templo. Estava à parte das áreas religiosas destinadas à ocupação de sacerdotes e levitas. Mas era uma área urbana de cerca de 26,5 milhas quadradas.

A cidade e terrenos adjacentes. E isto estava aberto aos israelitas de todas as tribos. Na verdade, era um microcosmo da nação.

A maioria dos membros tribais escolheria viver nas suas próprias áreas tribais. Mas você poderia vir morar na cidade. E isso também é considerado sagrado em certo sentido.

Mas está separado do templo. E deveríamos ter essa noção da santidade da cidade de Jerusalém identificada logo no final do livro, no capítulo 48. Mas então, como eu estava dizendo, havia essas duas outras áreas em ambos os lados desta grande reserva.

E isso foi atribuído ao rei. E a implicação é que ele recebeu muitas terras. Ele recebeu muitas terras porque seremos informados sobre as áreas tribais e quando você contar o tamanho das terras da coroa em ambos os lados das partes sagradas da

reserva, cerca de dois terços de uma área tribal foram doados para o rei como sua propriedade da coroa.

E então, ele tinha bastante terra para si. E há aqui uma pequena dica de que ele não deve tomar terras de outras pessoas, o que era um grande problema nos tempos pré-exílicos. E lembramos o lado clássico da vinha de Nabote em 1 Reis 21 e como a Rainha Jezabel conseguiu que ela fosse atribuída a Acabe como propriedade da coroa.

E então, o que nos dizem sobre a reserva aqui, na verdade o objetivo é falar sobre essa grande área dada ao rei com um aviso de que sim, majestade, você tem muitas terras, então não há desculpa para você tomar qualquer terra que pertença ao seu povo. E assim, 8b é adicionado ao material do capítulo 48 que traz isso à tona. Meus príncipes não oprimirão mais meu povo.

Eles permitirão que a casa de Israel fique com a terra segundo as suas tribos. Então é por isso que este material 48 está sendo colocado de volta em 45. E então, no versículo 9, há uma nova mensagem de Deus que é retoricamente dirigida aos reis pré-exílicos.

Assim diz o Senhor Deus: Basta, ó príncipes de Israel, acabar com a violência e a opressão e fazer o que é justo e correto. Pare com os despejos do meu povo e tome as terras deles para você. E assim, esta foi uma ameaça muito real, e os exilados tinham memórias vívidas disto acontecendo ao longo dos anos, e por isso há esta garantia de que não irá acontecer novamente.

E esses velhos ideais de justiça e retidão se tornarão realidade no que diz respeito ao governo real. E então, o rei tem esse território. Há também um pouco de foco na santidade.

O rei e a família, num certo sentido, eram pessoas santas num nível inferior ao do pessoal do templo, mas eram pessoas santas e pertenciam a esta reserva. Mas, principalmente, é esta preocupação econômica. A estabilidade econômica seria perturbada se o rei estivesse sempre a apoderar-se de territórios.

As pessoas precisavam de terra para viver e sustentar a si mesmas e às suas famílias e para prosperar na vida. Se não tivessem isso, não seriam capazes de sustentar o pessoal do templo. Então, esta é a verdadeira razão para isso.

Esta estabilidade econômica é necessária para que a economia possa funcionar bem o suficiente para que as pessoas tenham dinheiro e suprimentos suficientes para repassar alguns para o pessoal do templo, para Deus, que então foi repassado ao pessoal do templo para que pudessem ter o suficiente por sua vez. Mas para que o povo tenha recursos suficientes, ele precisa se livrar dessa terrível tentação que os

reis parecem ter, e muito mesmo. E então 45, 9 a 12, já olhamos para 9, mas esta é a segunda parte da segunda seção principal, e é mais sobre justiça econômica e implicitamente para salvaguardar doações suficientes ao templo.

E assim, este discurso retórico daqueles antigos reis pré-exílicos, e isto não vai acontecer mais. E depois, 10 a 12, uma afirmação mais geral sobre pesos e medidas. E mais uma vez, é pela estabilidade econômica.

Se há pesos e medidas desiguais, se você nunca sabe a que loja vai, se vai ter o mesmo padrão da outra loja, então isso é caótico. Mas tem que haver justiça. Isto faz parte da justiça que deve prevalecer em Israel.

Novamente, a razão última é que o povo não será fraudado e, mais uma vez, terá recursos suficientes para financiar o templo. E entre 10 e 16 você terá saldos honestos. Este plural é agora dirigido ao povo em geral.

E, portanto, a responsabilidade dos comerciantes entre o povo de ter equilíbrios e medidas honestas e assim por diante. E então, em 13 a 17, outra maneira pela qual o pessoal do templo deveria ser suprido e deveria haver sacrifícios suficientes para manter o templo funcionando, sacrifícios e ofertas, deveria haver um imposto do templo. E isso parece ser um acréscimo ao dízimo regular.

E no que diz respeito às colheitas de cereais, um sexagésimo, foi para ser entregue ao templo. E então, no caso do óleo, as ofertas eram usadas em óleo, e os cereais eram usados nas ofertas de cereais. Cada agricultor entregou um por cento da colheita de óleo ao templo.

E depois meio por cento no caso de ovinos e caprinos. E assim, desta forma, haveria sacrifícios e ofertas de diferentes tipos suficientes, e também o pessoal do templo poderia ser mantido naquelas partes que eram repassadas aos sacerdotes e levitas. E então, dos 16 aos 17 anos, o rei era obrigado a fazer contribuições especiais em épocas festivas e outros dias santos.

Ele pagaria muito dinheiro para garantir que tudo corresse bem e faria muitas provisões materiais. Quando festivais e dias santos surgiram no calendário, o rei teve que desembolsar do tesouro real. Obrigação nobre .

Mas vamos nos afastar e pensar nesta palavra príncipe, que em 40 a 48 é a única palavra usada para designar o rei. É usado para se referir ao rei, que é considerado governante do povo após o retorno do exílio. No capítulo 34, versículos 23 e 24, somos informados de que este príncipe seria descendente de Davídicos.

E depois, dos 33 aos 23, ele também é chamado de pastor, o que tem uma conotação real, como dissemos anteriormente. E assim a palavra pastor que vimos

tem fortes associações reais tanto em Israel como no antigo Oriente Próximo. E então 37 a 25, este príncipe também é mencionado, mencionado novamente como sendo de descendência davídica, mas ele também é chamado de rei em 37:22 e 24.

Então, na verdade, é equivalente a rei, mas tem associações muito diferentes. E para nós, é uma palavra enganosa. Até onde eu sei, todas as versões do Antigo Testamento usam a palavra príncipe.

Mas para nós, pensamos na realeza. E no Reino Unido, pensamos no Príncipe Charles, no Príncipe Andrew, no Príncipe William, no Príncipe Harry. Sim, parte da família real.

Mas o príncipe não tem associações reais no que diz respeito à palavra hebraica. A palavra hebraica significa uma pessoa elevada, alguém que se eleva acima dos demais. E assim um líder, seja um líder tribal ou um líder nacional, pode ser chamado por este termo, que é traduzido aqui, príncipe.

Portanto, não é necessariamente um termo real aqui. Em Ezequiel é, mas não é necessariamente real. Mas dos 40 aos 48, diz-se com muita firmeza, é o príncipe, o príncipe, o príncipe.

E Ezequiel se abstém de usar a palavra rei, embora tenha confundido os termos no capítulo 37. Em meu comentário, traduzi o chefe de estado. Chefe de estado é um termo muito mais neutro que rei.

E penso que isto reflecte uma situação política e um pensamento político entre os exilados. Eles estavam fartos de reis. Não queremos mais reis, muito obrigado.

Sofremos nas mãos deles. Estamos desiludidos com a forma monárquica de governo. E soam bastante como aqueles colonos britânicos na América num determinado momento da história.

E no caso dos exilados, houve boas razões. A realeza que eles experimentaram ou ouviram falar na história anterior foi totalitária e egoísta. Eles tinham maus líderes e nenhum respeito pelas necessidades do povo.

Eles não governaram adequadamente, exceto por algumas exceções. E tomaram decisões políticas imprudentes e toleraram ou encorajaram desvios religiosos da fé ortodoxa. Acho que isso era muito comum entre os exilados.

E eles eram republicanos, republicanos ou democratas. Eles eram firmes e não eram monarquistas. E Ezequiel foi pego numa armadilha, em certo sentido.

Ele tem uma sensibilidade pastoral. Ele sabe que se falar sobre o rei, as pessoas não estarão tão dispostas a ouvi-lo. E então, chefe de estado, chefe de estado, presidente, se quiser, ah, sim, usaremos esse termo, não se preocupe.

E assim, ele deixa claro que há uma diferenciação entre este novo chefe de estado e os maus que existiram antes. E há uma sensibilidade pastoral de que ele está evitando completamente a palavra rei, considerando-a politicamente desfavorável e ofensiva. Mas ele foi pego numa armadilha porque ainda precisa ser leal à tradição profética mantida pelos profetas anteriores de um futuro rei da linhagem de Davi.

E assim, nestes capítulos, demos ênfase às características negativas da monarquia pré-exílica que irão acabar. E o líder é apresentado, este chefe de Estado é apresentado como uma espécie de monarca constitucional que se preocupa com as necessidades do povo. E assim, Ezequiel evita a palavra ofensiva.

E ele está tentando fazer justiça a dois fatores opostos. O antagonismo razoável do exilado. Eles estão fartos da monarquia, por um lado.

Por outro lado, ele tem que perseverar nessas esperanças proféticas. E assim, ele teve um equilíbrio difícil de alcançar. E é assim que ele lida com isso aqui.

Várias coisas são ditas sobre esse príncipe ou chefe de estado nos anos 40-48, mas a maior parte delas, a maior parte do que é dito está cuidadosamente relacionada ao templo. O principal objeto de atenção nos anos 40-48 é o templo. Esse é o foco principal.

E assim, as preocupações do templo, à medida que afetam o rei, o rei é levado a elas. Mas há muito que não foi dito sobre esta futura realeza. Há uma ênfase apenas no templo.

E assim, não deixa muito espaço para descrever os seus poderes políticos. E assim, temos uma representação bastante limitada do rei, necessariamente, por causa da ênfase no templo. 45:18 a 46:15 nos leva à terceira e última seção principal.

Trata-se de oferendas rituais. Tem duas partes: 45:18 a 25 e 46:1 a 15.

Em primeiro lugar, 18h25 percorre o calendário religioso. As celebrações envolvendo sacrifícios e ofertas e o uso de sangue sacrificial. E há dois aspectos do calendário religioso que são apresentados aqui.

Em primeiro lugar, às 18h20, um evento religioso de primavera. Este era um rito anual de descontaminação envolvendo o pátio interno e o templo. O sangue da oferta pelo pecado foi usado para descontaminar o templo dos pecados de Israel, o que poderia ter tido um efeito contaminador no santuário.

Agora, isso é interessante. Em Levítico, onde a festa, onde os dias santos são mencionados longamente, não temos um evento de primavera, mas um evento de outono, o Dia da Expição, que tem o mesmo propósito deste evento de primavera, este rito anual de descontaminação. Mas isso aconteceria na primavera.

E por que há essa mudança, por que não há Dia da Expição no outono, mas neste evento correspondente na primavera, não somos informados. E há novamente um ponto de interrogação nos versículos 21 a 45. Somos informados sobre as festas.

Primeiro de tudo, a festa combinada da Páscoa e dos Pães Ázimos, e depois a Festa dos Tabernáculos. E nós dizemos: Ah, Ezequiel, você deixou de fora o Pentecostes. Temos apenas duas festas regulares, festas anuais, e não sabemos por que o Pentecostes não foi mencionado.

Mas somos informados novamente que o rei era obrigado a fornecer oferendas de vários tipos do seu próprio bolso para os festivais. Noblesse oblige, mais uma vez. E então a segunda coisa que precisa ser dita é 46:1 a 18, na verdade, 46:1 a 15, e então veremos 16 a 18 separadamente.

Temos outros procedimentos religiosos que se aplicam à área do templo que não foram mencionados antes. Em primeiro lugar, 1 a 12, acesso à área do templo. Primeiro de tudo, no 1 ao 3, e depois no 4 ao 7, somos informados de que é lá que as pessoas têm acesso.

Mas antes de tudo, em 1 a 3, sim, 1 a 3, a portaria interna leste deve ser mantida fechada, como a portaria externa leste. Já nos disseram isso antes. E assim, nessas portarias do leste, ninguém deve passar por elas.

Eles devem ser mantidos fechados. Eles são especialmente sagrados como um memorial, uma comemoração, de que foi assim que Deus entrou no templo em toda a sua glória. Mas há uma exceção feita para o rei nos dias de sábado e nos dias de Lua Nova, no que diz respeito à portaria interna.

Ele tem um privilégio especial, o privilégio de ficar na portaria interna, na extremidade interna, para observar os sacerdotes que sacrificam suas ofertas específicas no altar. E quando ele fizesse isso, ele também deveria se curvar em adoração, e essa é a prostração muçulmana de ficar de joelhos e colocar a cabeça no chão. Ele deveria fazer isso, esse ato de adoração, enquanto observava seus sacrifícios sendo realizados no altar.

Mas também havia outro tipo de acesso especial relacionado à portaria leste. Naqueles dias, no sábado e nas luas novas, as pessoas podiam ficar do lado de fora da portaria interna, e ainda no pátio externo, e podiam olhar através dos portões

abertos. Os portões seriam abertos para assistir à cerimônia do altar no que dizia respeito às suas ofertas.

E talvez num altifalante, o Sr. Jones e a sua família, estejamos prontos para oferecer os vossos sacrifícios. O Sr. Jones e sua família poderiam tomar seu lugar e olhar através e acima dos degraus, através do corredor, eles poderiam ver aquele altar-mor, e eles poderiam ver o Sr. Jones e sua família, seu sacrifício acontecendo. E então isso era um privilégio, e então eles também se prostrariam em adoração.

Depois os versículos 4 a 7 especificam as ofertas de sacrifício que o rei era obrigado a fazer nos sábados e nos dias de Lua Nova, e estas são as ofertas do versículo 2, mas elaboradas em maior detalhe. O rei tinha trabalho a fazer, dinheiro para desembolsar de suas próprias terras. E então, nos versículos 9 a 10, o povo deve ter acesso ao átrio interno, desculpe, ao átrio externo.

Eles deveriam entrar pelos portões externos norte e sul e poderiam adorar no átrio externo. Mas houve um controle especial de multidão. Isso pode ficar fora de controle e envolver muitas pessoas.

E está organizado de uma forma muito ordenada. As pessoas formarão duas correntes ordenadas, e poderão entrar pela porta exterior norte e sair pela porta sul, ou podem entrar pelo lado sul, pela porta exterior sul, e sair pelo lado norte. Eles não podem fazer meia-volta.

Eles não podem entrar por um lado e sair por esse mesmo lado. E então há esse controle de tráfego, esse controle de tráfego humano, um detalhe muito realista. E assim, isso ajudaria a evitar um engarrafamento desordenado de pessoas circulando neste pátio exterior e fazendo uma bagunça, o que seria bastante degradante para todo o processo.

E então o versículo 11 especifica as ofertas em série que eles devem trazer, as quantidades adequadas que as pessoas devem trazer. E então, no versículo 12, voltamos ao rei. Ele é um VIP, este rei, e tem uma posição de santidade, e por isso também tem outro privilégio.

E aqui no versículo 12, o rei tem o privilégio de acesso ao portão leste interno novamente, além daqueles dias especiais de sábado e dias de lua nova, sempre que ele trouxe ofertas voluntárias. Em Israel, havia ofertas obrigatórias sob certas circunstâncias, mas então você poderia dar a Deus um extra, e você poderia dizer, estou dando porque quero dar. E você poderia trazer ofertas voluntárias, e ninguém estava obrigando você a fazer isso, mas você apenas queria fazer isso.

Você poderia trazer essas ofertas como um sacrifício parcial e receber em troca algo que você poderia cozinhar e comer para sua refeição com sua família como uma

refeição sacrificial nas salas onde as pessoas estavam envolvidas. Ou você poderia trazer uma oferta total, um holocausto. Estou dando tudo a você, Deus.

Não quero nada em troca de uma refeição sagrada. E isso era obviamente algo mais elevado do que apenas oferecer um sacrifício parcial. Mas eles poderiam vir.

Eles poderiam voltar àquela portaria oriental e observar o ritual do altar sendo realizado. Sempre que traziam ofertas voluntárias, tinham o mesmo privilégio que outras pessoas tinham quando traziam suas ofertas obrigatórias. Depois, dos 13 aos 15, as ofertas diárias são especificadas em Números e Êxodo.

Números 28, Êxodo 29, você obtém relatos das ofertas diárias. Eles aconteciam de manhã e à noite, todas as manhãs e noites. Aqui está outra pequena variação aqui em Ezequiel.

Apenas o sacrifício matinal é mencionado, e não sabemos por que os sacrifícios noturnos não foram mencionados. Em 13 e 14, a NRSV tem que fornecer um cordeiro e uma oferta de cereais, mas penso que a NIV é preferível. É uma leitura melhor ser dirigida ao profeta.

O profeta está sendo falado em primeira instância como um exemplo do povo de Deus. Tudo bem, a NVI acerta. Não creio que o NRSV o faça.

E então, dos 16 aos 18 anos, estamos seguindo em frente agora. E isso é introduzido. É bastante especial porque é introduzido com a fórmula da fala divina, a fórmula do mensageiro, assim diz o Senhor Deus.

E isso chama a atenção para isso. E isso é sobre o rei. E é sobre a terra do rei.

E então, na verdade, é uma nota de rodapé para 45.8-9, que também tratava de um tópico semelhante. E esclarece a questão dos direitos do rei à terra. Havia coisas que o rei podia fazer com a sua terra e havia coisas que ele não podia fazer.

E já havíamos explicado antes que ele não deveria tomar terras de outras pessoas. O povo tinha direitos constitucionais às suas propriedades particulares e o rei não deveria retirá-las. Mas aqui está outra questão.

Este é o caso do rei dar algumas de suas terras ao funcionário, um dos funcionários da corte de quem ele gostava especialmente, que havia feito algo particularmente bem, e ele o recompensaria com as terras. Agora isso levanta uma complicação. E então a decisão é, sim, aquele cortesão em particular, ele pode ficar com aquela terra, mas apenas numa base temporária.

Ele e sua família só poderão ter a propriedade daquela terra até o 50º dia do Jubileu, de que fala Levítico 15. E então volta para a família real. E assim, cuidadosamente explicado, essas propriedades de terra.

A propriedade real, nos extremos daquela reserva, era na verdade propriedade real. E por um tempo, poderia ser alugado, por assim dizer, por cerca de 50 anos até o ano do Jubileu, mas depois teria que voltar ao rei. E então, mais uma vez, é esta questão dos direitos à terra que está sendo explicada aqui.

No geral, esta seção está colocada aqui em um lugar estranho. Esperávamos isso depois de 48 a 40, 45 versículos 8 a 9, mas em vez disso é colocado no final dos procedimentos religiosos sobre o rei. Mas não sei por que foi colocado neste lugar específico.

Agora, um fato muito interessante, olhando para trás como cristãos, esta figura real tem uma família real. Ele tem uma família real porque também menciona outro exemplo, o rei poderia dar algumas de suas propriedades aos filhos. E eles podem manter essa propriedade porque eles próprios são da realeza, eles são a família real.

Mas há um fator interessante: não há aqui o conceito de uma única figura messiânica. Há uma dinastia real em vista após o exílio, pelo menos deste ponto de vista. E pode ter sido antes, em Ezequiel, que o rei mencionou que haveria a renovação, a primeira renovação da dinastia davídica.

Não sei. Nos capítulos 46, 19 a 24, temos a conclusão daquela narrativa visionária que começou no capítulo 43. Novamente, são detalhes práticos aqui, como surgiram em vários pontos.

E havia cozinhas ao ar livre. E havia dois conjuntos de cozinhas externas. E havia uma cozinha sacerdotal, que servia para cozinhar e assar as partes dos sacrifícios e outras ofertas que os sacerdotes tinham direito de comer.

Este estava localizado em uma extensão do pátio interno, no lado norte da área do templo. Mas, além disso, havia outras quatro cozinhas no pátio externo. E estes eram para o povo.

E essas cozinhas eram administradas pelos levitas como parte de seus deveres no templo. Eles seriam os cozinheiros. E o povo trazia o que lhes seria devolvido das ofertas de sacrifício que recebiam para a refeição sacrificial.

Eles os levariam aos levitas nas cozinhas. Essas cozinhas localizavam-se nos quatro cantos do pátio externo. Havia áreas de cozinha onde a comida seria preparada em nome de fiéis individuais.

E então eles poderiam voltar para o quarto específico que reservaram e saborear a comida lá. E era evidentemente cercado por um muro baixo em cada caso – essas quatro cozinhas nos quatro cantos do pátio externo.

Agora, uma coisa que temos que observar, já veio antes, mas vamos observar neste momento. Referência à oferta pelo pecado e referência à oferta pela culpa no versículo 20. A oferta pelo pecado servia para descontaminar o efeito do pecado no que dizia respeito aos adoradores.

E depois havia a oferta pela culpa, que se relacionava com o uso errado da propriedade, e era necessário algum tipo de expiação. Bem, isto é uma surpresa. Depois do que lemos anteriormente em Ezequiel, você se lembra dos capítulos 11 e 36? O povo após o exílio receberá um novo espírito e o espírito de Deus para garantir a obediência às obrigações da aliança.

E assim, parece inexplicável, surpreendente, que ainda haja uma visão de ofertas pelo pecado e ofertas pela culpa aqui. E tudo o que se poderia dizer, pelo menos podemos dizer, é que há uma tensão semelhante no Novo Testamento. Que nós, cristãos, recebemos o dom do Espírito Santo e ainda assim precisamos de desafios para não pecar.

E há apelos aos cristãos para que se arrependam depois de pecar. E assim, prevê-se também que os cristãos pecarão mesmo tendo o dom do Espírito Santo. E há algum tipo de paralelo aqui após o exílio na menção de uma oferta pelo pecado e uma oferta pela culpa.

Bem, no geral, o que encontramos nestes capítulos é uma manifestação da santidade divina na área do templo à luz da presença renovada de Deus. Esse Deus santo está entrando e no lugar santíssimo. E assim por toda parte deve haver evidências nos procedimentos e na forma como as coisas são realizadas para que haja uma santidade correspondente no que diz respeito aos sacerdotes e ao povo, sacerdotes e levitas.

E assim, temos que lembrar que o templo está realmente fazendo duas coisas. É uma oportunidade essencial para Deus e o povo interagirem. E ainda assim há uma separação definitiva necessária entre estes dois parceiros desiguais da aliança, Deus e o povo.

E então, o que nos dizem é luta livre. Público apenas no pátio externo. Sacerdotes no pátio interno.

Ninguém no Santo dos Santos e assim por diante. E assim, há questões de espaço e pessoal e de tempo para manter e assegurar, restaurar a santidade. A carne

sacrificial e o sangue sacrificial eram necessários para lidar com a contaminação do templo causada pelo povo.

Os ritos diários, semanais, mensais e anuais representavam um fluxo constante de adoração. E também vimos que era preciso dar atenção prática, uma atenção bastante mundana, ao apoio do pessoal do templo. Que isso teve ramificações além do templo, ao exigir um país economicamente sólido que pudesse fazer mais do que apenas apoiar seus próprios cidadãos e tivesse o suficiente para doar ao templo, para que o templo pudesse ser mantido e o pessoal do templo pudesse ser apoiado materialmente.

A questão da realeza, tão tradicional para Israel e, no entanto, tão imperfeita no passado, teve de ser enfrentada de novo com orientações que equilibrassem os elevados privilégios com a responsabilidade necessária e com os olhos abertos à antipatia que os exilados tinham agora pela realeza em geral. Assim, em princípio, os números 42 a 46 levantam questões práticas que ainda são relevantes para as igrejas, poderíamos dizer. A adoração é feita de forma decente e ordenada, reconciliação constante de um povo imperfeito, sistemas de apoio adequados de administração e apoio económico, e todas estas são questões que ainda confrontam o povo de Deus.

E é fascinante que Ezequiel em suas visões, estas são questões que surgem para o povo de Deus no futuro como no passado. Da próxima vez estudaremos os capítulos 47 e 48.

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Ezequiel. Esta é a sessão 22, Visão do Retorno da Glória de Deus, o Novo Templo em Ação. Ezequiel 43,1-46,24.